

IDENTIDADE NACIONAL E DIFERENÇA EM *TODOS NÓS ADORÁVAMOS CAUBÓIS* E ENQUANTO OS DENTES

Profa. Dra. Gisele Novaes Frighetto

Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – SP, e-mail: giselefrighetto@gmail.com.br.

Beatriz Passos Trimer

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – SP, e-mail: trimer.beatriz@gmail.com.

Resumo

Este trabalho estuda como a noção de identidade nacional, estabelecida a partir de seu caráter coletivo, homogeneizante e hierarquizante (ANDERSON, 2008; FIORIN, 2009) pode se modificar e se abrir à diferença, por meio da heterogeneidade representada na ficção brasileira contemporânea. A partir das relações existentes entre literatura e sociedade, compreendemos que essa ficção pode representar transformações significativas ocorridas nas identidades culturais, sejam aquelas trazidas pelos descentramentos e pela desterritorialização (HALL, 2011), sejam aquelas causadas pela afirmação de subjetividades estabelecidas pelos corpos não normatizados ou intitutados *queers* (BUTLER, 2017). Ao representarem indivíduos marginalizados, os romances *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon, e *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, implicam em uma subversão aos padrões convencionados na produção literária (POLESSO, 2018; DALCASTAGNÈ, 2002) e compreendem, portanto, um campo de possibilidades sensíveis ao estabelecimento de dispositivos de afirmação aberta à diferença (FOUCAULT, 2019; DERRIDA, 2009). Nesse sentido, esses romances podem ampliar nossa compreensão do

que significa “ser brasileiro” e, por extensão, manifestar transmutações necessárias nos discursos de identidade nacional da contemporaneidade.

Palavras-chave: identidade nacional, diferença, literatura *queer*, romance brasileiro contemporâneo.

Introdução

Este artigo propõe¹ estudar como a noção de identidade nacional, estabelecida a partir de seu caráter coletivo, homogeneizante e hierarquizante, pode ser representada como modificada e aberta à diferença na ficção brasileira contemporânea. Consideramos que os romances *Todos nós adorávamos caubóis* (2013), de Carol Bensimon, e *Enquanto os dentes* (2017), de Carlos Eduardo Pereira, representam transformações ocorridas na sociedade e no campo literário brasileiro, trazidas, entre outros aspectos, pela afirmação de subjetividades estabelecidas pelos corpos não normatizados ou intitutados *queers* (BUTLER, 2017).

Consideramos como os nacionalismos e as identidades nacionais constituem-se como construtos ideológicos (ANDERSON, 2008) mutáveis que, entretanto, apresentam princípios de exclusão baseados em hierarquias e em aspectos não normalizados pelos grupos no poder, como aqueles de gênero, etnia, capacitismo, etc. Os romances mobilizam esses aspectos ao representarem o amor entre duas mulheres em trânsito, no romance de Carol Bensimon, e o retorno de um homem bissexual, negro e cadeirante, para a casa da família em *Enquanto os dentes*. Nesse sentido, destacamos o dispositivo “normalidade” como merecedor de especial atenção, pela sua exclusão simbólica (e física) pelos princípios homogeneizadores dominantes (FOUCAULT, 2019). Em contrapartida, obras literárias como as que analisamos podem difundir aspectos de afirmação, rompendo com uma centralidade estabelecida pela linguagem e pelas ideologias junto ao signo linguístico (DERRIDA, 2009).

Nesse sentido, esses romances podem ampliar nossa compreensão do que significa “ser brasileiro” e, por extensão, manifestar transmutações necessárias nos discursos de identidade nacional da contemporaneidade.

1 Este trabalho provém da pesquisa de mestrado *Os deslocamentos das identidades nacionais na literatura queer*, financiada com bolsa CNPq/CAPES.

1. Nacionalismo, identidade nacional e literatura no Brasil

De modo geral, podemos afirmar que as manifestações literárias intervieram historicamente para o surgimento, consolidação e estruturação dos nacionalismos nos Estados-nações europeus e nas recém-independentes nações americanas, entre os séculos XVIII e XIX (LEITE, 2017). Nesse período, alavancada pela difusão do jornal como meio de comunicação de massa e das línguas nacionais² por esses territórios, a literatura se mostrou uma das manifestações mais eficientes para afirmação e manutenção dos poderes das elites econômicas, políticas e intelectuais, com reflexo na consolidação do imaginário social que comandou a integração dos Estados nacionais modernos (ANDERSON, 2008).

Nesse sentido, compreendemos nacionalismo conforme a concepção de Benedict Anderson (2008), como uma construção ideológica com vistas à unificação dos povos, cujos membros se identificam enquanto “comunidades imaginadas”, o que possui caráter homogeneizante e implica no apagamento de plurais características e desavenças das populações. Em contexto brasileiro, o nacionalismo se afirmou sobretudo a partir da Independência³ e voltou-se, em um primeiro momento, à construção de uma identidade brasileira autônoma, para a qual concorreram intelectuais e escritores da época.

Assim, durante o século XIX, a cultura letrada teve papel central na construção de uma identidade nacional – embora restrita às elites econômicas – e foi responsável pela criação de um ideário nativista e exótico como sinônimos de brasilidade. Além disso, o imaginário partilhado pelos escritores românticos adaptou os padrões de referência europeus ao específico e ao singular, fixados na idealização

2 Além da afirmação e línguas e culturas, foram determinantes o crescimento da imprensa, das políticas de alfabetização, do comércio, da indústria, das comunicações e dos aparelhos de Estado. Junto disso, somam-se as atividades dos lexicógrafos, filólogos e literatos dos vernáculos nacionais. (ANDERSON, 2008).

3 É importante observar que os processos de formação de uma identidade nacional brasileira remontam ao Brasil Colônia, quando os processos de colonização portuguesa perpetraram um contexto social violento e opressor – sustentado pelo genocídio e pela escravidão de negros e indígenas - que perpassou e legitimou os objetivos econômicos de progresso e exploração. (BOSI, 1992).

do indígena e da natureza (RONCARI, 1995). O século seguinte implicou em concepções mais abertas à pluralidade étnica, quando o modernismo apresentou uma tendência de aceitação da pátria na sua diversidade e uma interpretação antropófaga da cultura nacional, num Brasil que se modernizava e que buscava suas próprias raízes no advento da ordem urbano-industrial (LEITE, 2017; SODRÉ, 1995).

A abordagem modernista urbana e popular tem sequência na investigação da realidade nacional realizada pelos escritores do “romance de 30”, que demonstraram as contradições de um Brasil que se modernizava em meio à miséria persistente e às distorções existentes entre sertão e cidade. Essa percepção culminou naquilo que Candido (2011) nomeia como “consciência catastrófica de atraso”, que se desdobraria na consciência da segregação racial⁴ e do subdesenvolvimento nos anos 1950 e 1960. Nesse momento, a disseminação da televisão – antecedida pelo rádio – demarca a emergência de uma sociedade de consumo à brasileira, integrada por uma Ditadura Militar, que empregou largamente o poder aglutinador das comunidades nacionalmente imaginadas, desta vez pautado no imaginário do “Brasil grande potência”, disseminado principalmente pelos meios de comunicação de massa.

Esse ideal, entretanto, esvaziou-se com a redemocratização nos anos 1980, quando a euforia do milagre econômico cedeu espaço a um país que ainda buscava se modernizar em termos urbanos (OLIVEN, 1984; PESAVENTO, 1998). Persistiram nesse trajeto as ações reacionárias e sem comprometimento com a equidade de direitos das populações marginalizadas, a despeito do reconhecimento da diversidade étnico-racial e das desigualdades no país. Pode-se afirmar que uma vocação autoritária atravessou historicamente uma identidade nacional brasileira, baseada nos pilares da exploração, da violência e da intolerância, sobre os quais se fundaram nacionalismos que a tentaram definir (SCHWARCZ, 2019).

Faz parte dos discursos conservadores ignorar e desautorizar demandas das minorias que lutam por

4 A partir da década de 50, iniciam-se as pesquisas que procuram dar uma resposta objetiva para a situação racial no Brasil, analisando o negro como parte da sociedade e a partir de sua situação inferior numa sociedade de classes, destacando-se, nesse sentido, os trabalhos de Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e Florestan Fernandes (LEITE, 2017).

mais direitos; direitos inalienáveis à sua condição de cidadãos. Dentre as estratégias políticas de governo populistas, como os que temos visto na nossa contemporaneidade, está o escárnio diante dos dados que mostram como vivemos em condições que dividiam e ainda dividem os brasileiros. A escravidão, na escala em que a conhecemos aqui, foi e continua sendo uma especificidade incontornável da história brasileira. Herdamos um contencioso pesado e estamos tendendo a perpetuá-lo no momento presente (SCHWARCZ, 2019, p. 39 - 40).

Por outro lado, assiste-se às alterações de ordem social, política e econômica trazidas pela globalização, quando as novas relações e intensos deslocamentos em tempo e espaço implicaram na estruturação dos Estados como democracias pós-nacionais (RESINA, 2004). Resultado desse movimento dinâmico foi a negação das identidades nacionais enquanto manifestações de igualdade e a modificação de identidades, pessoais e coletivas, igualmente relacionada aos efeitos dos descentramentos identitários, que fragmentaram as paisagens culturais de classe, gênero e nacionalidade. (HALL, 2006). Além disso, em contexto recente, as identidades coletivas dissolvem-se em grupos “isolados em suas mídias digitais, separados por seus interesses e polarizados nas suas identidades; cada qual ficando prisioneiro cativo e afetivo da sua própria bolha” (SCHWARCZ, 2019, p. 174).

Portanto, se observamos no tempo presente permanências de um nacionalismo idealista e autoritário⁵, igualmente vemos emergir a possibilidade de uma gama multiforme de identidades em tensão com princípios de exclusão e com hierarquias que produzem preconceitos, discriminações e violências. Nesse contexto, as obras literárias evidenciam seu potencial subversivo ao expressarem essas rupturas, particularmente ao veicularem representações outras, destoantes dos discursos normalizadores, e ao conferirem legitimidade a sujeitos e

5 O modelo político de nação brasileira “inventou uma sociedade patriarcal pautada num padrão de família estendida e de sujeição para além dos laços de sangue” (SCHWARCZ, 2019, p. 44). Uma elite política e econômica detém os poderes públicos e consolida uma estrutura econômica que advém na continuidade da marginalização das massas. Nessa perspectiva, os preconceitos que permeiam a sociedade privada estão vinculados à perspectiva das elites – rurais e urbanas -, cuja mentalidade conservadora atravessa as estruturas e os discursos de poder.

corpos divergentes. Resguardados os universos particulares de cada obra, observa-se perspectivas para normalização das diferenças na literatura brasileira, convertida em um dispositivo de afirmação, pessoal ou coletiva, à procura do reconhecimento de identidades socialmente marginalizadas (DALCASTAGNÈ, 2002).

Consideramos que, ao abrigar um “outro”, a linguagem literária pode integrar uma episteme da diferença, que implica em um reequilíbrio, uma reorganização e uma reestrutura que abarque a conjectura de significados destoantes daquilo então conjecturado como correto (DERRIDA, 2017). Além de tematizarem o pertencimento e a exclusão àquilo que se entende como identidade nacional, os romances que analisamos trazem consigo as temáticas da homoafetividade e da deficiência físico-motora como significativos de identidades nacionais em transmutação.

2 A literatura *queer* e as conjunturas de poder na formação identitária

As culturas nacionais, como acabamos de demonstrar, constituíram durante muito tempo uma das principais fontes de identidade cultural. Ao mesmo tempo, observamos um movimento contrário nas últimas décadas, em direção às identidades singulares desvinculadas de tempos, histórias, tradições e lugares (HALL, 2000). Esse fenômeno vincula-se à perda do poder unificador das nações, que cederam espaço ao domínio e à consciência individual de cada sujeito, o que é sucedido pelas concepções a respeito do seu próprio corpo. Note-se que esse corpo é submetido às relações de poder provenientes do corpo social, no interior do qual não há lugar igualitário para os indivíduos. Ademais, para assegurar a dominação das classes, há uma associação entre a conjuntura do poder e os domínios que designam a superioridade aos sujeitos, o que implica em normatizações impressas nas manifestações individuais. (FOUCAULT, 2019).

Esses aspectos encontram fundamento nos padrões utilitários da sociedade de consumo e na heteronormatividade como um dos princípios fundantes da vida social, acompanhada dos pilares tradicionais sobre os quais se baseiam as identidades sancionadas. Esse princípio se sustenta pela negação de sua inscrição cultural e pelos discursos em que a “natureza sexuada” fundamentada pelo estabelecimento de um dispositivo de reprodução. Dentro da sociedade fundamentada

pelo liberalismo econômico, o gênero pode agir como um aparato cultural aparentemente neutro que, entretanto, classifica negativamente as relações homoafetivas (TREVISAN, 2018).

[...] a noção binária masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2017, p. 22).

Nesse contexto, sujeitos *queer*⁶ continuam vivendo em um universo concentracionário, sob rígido controle moral dominante, concepção que tem unido setores conservadores sob o propósito de resguardar a “decência moral dos brasileiros”, em sua ilusória unidade. Vista disso encontra-se, a exemplo, no romance *Todos nós adorávamos caubóis*, de Carol Bensimon, quando as personagens Cora e Julia, que vivem entre Canadá e França, respectivamente, viajam e restabelecem um relacionamento amoroso pelo interior do Rio Grande do Sul. Durante sua trajetória pelos pampas gaúchos, as personagens são alvo de discursos, ações e comportamentos normalizadores, como a repreensão sofrida por Cora pelos seus sapatos considerados masculinos: “Essas tuas botas são de homem”, ele disse, apontando para dentro do carro, o dedo indo e voltando duas vezes. Pela sua expressão, minhas botas pareciam ter acabado com seu dia” (BENSIMON, 2013, p. 13).

A partir desse trecho, evidencia-se como concepções estanques de gênero convivem em tensão com a compreensão de que “[...] o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (BUTLER, 2017, p. 30). Ao compreender os preconceitos justapostos aos corpos não heteronormativos, compreende-se também as concepções limitantes em discursos dominantes, tais como aqueles que expressam a dominação patriarcal ou masculina. Isso é marcante em instituições conservadoras como as Forças Armadas, contra a qual se

6 Entendemos subjetividades *queer* como aquelas cujos corpos fogem da binaridade de gênero e seus padrões.

rebela o protagonista de *Enquanto os dentes*, de Carlos Eduardo Pereira. Rejeitado pelo núcleo familiar por distanciar-se da masculinidade agressiva representada pela figura paterna⁷, Antonio aproxima-se de uma subjetividade *queer* pelo relacionamento amoroso mantido com outro homem.

“Escuta aqui, dona Teresa, eu vou usar de toda a meiguice que Deus não me deu pra te falar umas coisas, e acho bom a senhora me ouvir porque senão vou praí agora e a gente tem essa conversa cara a cara. Eu e Tony estamos juntos há quase dois anos, dona Teresa, dois anos. A gente mora junto, entendeu? Eu sei que a senhora tá bem de saúde, não vai passar mal com a notícia. Quem tá mal é o Antônio, dona Teresa, e ele tá precisando de ajuda, vai precisar do apoio de todo mundo que ama ele. A ressonância acusou necrose na medula. Sei que o Tony vai brigar comigo quando souber dessa nossa conversa, ele diz que eu falo demais, depois eu me entendo com ele. Enfim, era isso, tenho um ótimo dia, e recordações ao Comandante” (PEREIRA, 2017, p. 83 – 84).

Dessa forma, esses romances são representativos de uma literatura que, ao inscrever a representatividade LGBTQIA+ no campo literário, contribui para a criação de redes de validação do ponto de vista ideológico e identitário. Além da temática *queer*, esses romances abordam outros temas pertinentes, como a desterritorialização e a inclusão do portador de deficiência físico-motora na sociedade brasileira. Em vista disso, constituem-se como objetos nos quais reconhece-se a representatividade de vozes alternativas àquelas de sujeitos masculinos, brancos e heteronormativos, condicionando perspectivas e identidades outras ao poder hegemônico, sobre o qual erigem-se as concepções de identidade nacional.

3. Identidades nacionais em transmutação

O romance *Todos nós adorávamos caubóis* narra o reencontro entre duas amigas de faculdade, Cora e Julia, que partem em uma

⁷ Neste artigo, não exploraremos a identidade negra do personagem que, embora seja fundamental para a composição da sua subjetividade, não é problematizada no próprio romance em questão.

viagem pelos pampas gaúchos. A narrativa tem como foco a relação homoafetiva que se estabelece entre essas duas mulheres, alternando passado e presente não apenas nas idas e vindas temporais do enredo, mas nas configurações da paisagem e das identidades que demarcam os espaços que essas mulheres atravessam. O foco narrativo em primeira pessoa revela os eventos pelo olhar da protagonista Cora, uma estudante de moda que vive em Paris e que, nos dez capítulos que estruturam o romance, conta o reencontro amoroso com a antiga amiga do curso de jornalismo.

Os conflitos dessa relação, no passado e no presente, movimentam esse enredo em trânsito. Enquanto Cora define-se como uma mulher bissexual, Julia ostenta um padrão de comportamento heterossexual, com exceção da relação que mantém secretamente com a amiga. A diferença de comportamento se relaciona com a distinção de origem e classe, já que Cora é filha da classe média alta, criada sem exigências conservadoras advindas dos pais, enquanto Julia provém da cidade interiorana de Soledade e é filha de família de classe média de ascendência italiana, conservadora e católica. Consequentemente, a personagem é apresentada como adaptada a estereótipos de feminilidade que marcaram sua formação identitária, representados pelo estilo delicado de suas vestimentas e pelo comportamento social.

Quanto a Julia, é claro que ela tinha mais chance de angariar simpatias. Em primeiro lugar, ela era menos estranha do que eu. Eu não ficaria nem um pouco surpresa se alguém de repente elogiasse seus brincos. Em segundo, porque estava sempre disposta a agradar, mesmo quando percebia certa hostilidade no outro. Isso já tinha me deixado irritada tantas vezes no passado. E, no entanto, havia também em Julia uma certa dose de inadequação, como se apenas uma série de acasos, uma longa cadeia deles, pudesse explicar sua presença naquele lugar (BENSIMON, 2013, p. 22).

A tema da viagem se relaciona no romance aos sentidos de uma busca, seja pelo resgate do amor entre as personagens, seja por uma descoberta de si, seja pela compreensão do peso das tradições que interditou essa relação no passado, figurado nos símbolos dos pampas gaúchos que demarcam o espaço. O croqui de Cora, depois de seu regresso a Paris, no qual a tradicional indumentária gaúcha

ganha abordagem contemporânea, ilustra a dialética entre tradição e contemporaneidade que atravessa o romance. Segundo Lopes Filho (2020), o romance é uma *road novel* em que as personagens principais são como estrangeiras no próprio território, comparado ao *western* pela analogia presente no título, em uma subversão a um gênero fixado no masculino hipercharacterizado, tais como se constroem as estátuas das figuras que comandaram a história e as identidades nesse espaço.

Em belas artes de metal: A PÁTRIA GAÚCHA AOS IRMÃOS BETUSSI. Eles chamavam Honeyde e Adelar, e o ápice do seu heroísmo, de acordo com uma linha do tempo ilustrada, tinha sido introduzir a bateria da música regional. Ambos usavam a indumentária típica gaúcha, botas, bombacha, camisa, lenço. O que parecia mais novo, tanto quanto se pode supor quando se comparam duas estátuas de bronze, tinha a gaita presa aos ombros e os dedos no teclado e nos botõeszinhos do lado oposto. Quanto ao mais velho, ele fora imortalizado em uma pose meio cômica, com uma das mãos na cintura (como se fosse de dor na região lombar) e a perna direita apoiada sobre sua gaita (não se trata de um certo desrespeito com o instrumento?) (BENSIMON, 2013, p. 42).

Além de situar suas personagens em espaços extensos e sem fronteira, a abordagem de *Todos nós adorávamos caubóis* questiona os ícones de identidade gaúcha pelo olhar de personagens *queer*. “Minha atração pelo sexo feminino era uma doce aventura e, ao mesmo tempo, uma condenação ao mais claustrofóbico dos universos” (BENSIMON, 2013, p. 46). O romance também expressa as tensões de duas personagens em conflito não apenas com os símbolos, mas com preconceitos e interdições da comunidade imaginada. A recusa de Júlia em beijar no espaço público de um hotel ou as perguntas indiscretas sobre a natureza da relação entre as duas demonstram o constrangimento dessas duas mulheres em travessia pelo interior do país. O tema da viagem é representativo de fluxos de negociações de sentidos e de reconstrução das identidades, nesse caso, de subjetividades femininas cuja acepção fixa e estável não se sustenta.

Por sua vez, os temas da travessia e da subalternização do diferente são igualmente relevantes no romance *Enquanto os dentes* (2017), cujo narrador em terceira pessoa conta a história de Antônio, um cadeirante que viaja da região central do Rio de Janeiro para a

casa da família em Niterói, onde voltaria a viver. Durante o trajeto de balsa, acompanhamos as dificuldades locomotoras do personagem e retornamos a entrecos de seu passado, ao sabor dos movimentos da memória. Sem divisão de capítulos ou partes, a trama resgata a infância opressiva e violenta; o ingresso na Marinha; o abandono das Forças Armadas; a saída definitiva do lar familiar; a vida universitária e, depois, artística, de que esse personagem eventualmente abre mão pela progressiva invalidez.

A relação turbulenta com a família conservadora - o pai branco, comandante da Marinha e aposentado, e a mãe negra, submissa ao marido, católica e dona de casa - atravessa a história dessa personagem. Assim como a casa de Antônio, o internato da Marinha é apresentado como autoritário, machista e homofóbico. Ambos repelem a diferença e, por isso, são abandonados pelo personagem. Nesse sentido, o conflito de Antônio contra o poder pátrio pode ser interpretado em sentido duplo, contra o pai militar e contra a instituição da marinha, associados pelo pátrio poder enquanto cerne de uma sociedade patriarcal e autoritária. A identidade *queer* do personagem é mostrada em tensão com instituições conservadoras, como a família, o exército e a igreja, que além de normatizarem normatizam discursos e comportamentos, conferem suporte a uma ideia tradicional de nação.

[...] Mas teve essa vez que Antônio inventou de comentar sobre o Piquet. Encheu a boca para repetir o que ouvia em casa: que o cara era um tremendo garanhão, não perdoava mulher boa que encontrasse pela frente, que ele comia tudo que era modelo, ou namorada, ou mesmo esposa de colega. O Piquet tinha desses direitos, era campeão do mundo, o mais antigo da categoria. E se algum infeliz resolvesse encenar, ainda por cima apanhava. Como uma vez que ele encheu de pancada o Nigel Mansell, com capacete e tudo. Falou isso de um jeito que era – e ao mesmo tempo não era – o do Comandante (PEREIRA, 2017, p. 13 – 14).

O romance mostra como, em vez de sustentar os discursos nacionalistas e conservadores, a literatura brasileira contemporânea pode se movimentar no sentido de abrigar a heterogeneidade constitutiva de toda nação. A saúde fragilizada é outro ponto de destaque na identidade de Antônio que, após um acidente de automóvel, foi

“testado positivo para neuromielite óptica, uma doença degenerativa que lhe roubara os movimentos e a sensibilidade pouco a pouco, até ficar completamente cego e enterrado numa cama” (PEREIRA, 2017, p. 84). A doença evidencia o desencaixe existente entre o personagem e a sociedade em que vive, além de explicitar como o Estado falha em prover estruturas de bem-estar básicas para os cidadãos, o que se agudiza com relação aos portadores de deficiência físico-motora. “Com as limitações físicas, foi perdendo trabalhos, não entra mais na maioria dos lugares, não alcança determinadas alturas, não tem a mesma disposição de outros tempos. Passou a ver tudo por baixo” (PEREIRA, 2017, p. 59).

Como resistência a sua condição, Antônio buscou uma autonomia no mundo e sustentou a vida “enquanto os dentes da boca deram conta” (PEREIRA, 2017, p. 58). A sustentação dessa autonomia, por sua vez, materializa um dos sentidos da trajetória desse personagem, que como corpo destoante apenas pode viver em plenitude resistindo às forças normatizadoras que lhe negam dignidade de direitos e de existência. Essas forças, contudo, não são estanques e mostram-se em transmutação, graças a lutas políticas empreendidas historicamente, das quais a literatura participa via representação, registro, transformação.

Considerações finais

Como podemos perceber, aquilo que concebemos como identidades nacionais são construções humanas mutáveis no tempo e nas sociedades que, na contemporaneidade, configuram-se nas tensões entre permanência e mudança que caracterizam o tempo presente. De um lado, os descentramentos que multiplicam as possibilidades de existência, de pauta discursiva e política; de outro, a dominação homogeneizante que exclui e subalterniza o diferente. *Todos nós adorávamos caubóis* e *Enquanto os dentes* são, pois, romances que representam essas tensões e que integram uma literatura da diferença, que participa de transmutações não apenas da paisagem dos sistemas literários, mas da própria noção do que significa sentir-se pertencer a uma comunidade nacionalmente imaginada.

Referências

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENSIMON, C. *Todos nós adorávamos caubóis*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

BOSI, A. Colônia, culto e cultura. In: BOSI, A. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.p. 11 - 63.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e a subversão da identidade*. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017.

CANCLÍNI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para sair e entrar da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CANDIDO, A. Literatura e Subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 169-198.

DALCASTAGNÈ, R. Uma voz ao sol: Representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 20, p. 33-87. DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FIORIN, J. L. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115 - 116, 1º sem. 2009.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10. ed. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz & Terra, 2019. HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

LEITE, D. M. *O Caráter Nacional Brasileiro*. 8ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

LOPES FILHO, A. A. do C. “Tudo o que fizemos foi tomar a br-116...”: a estrada *queer* de todos nós adorávamos caubóis. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 53 - 66, 2020.

OLIVEN, Ruben G. A relação Estado e cultura no Brasil: cortes ou continuidade? In: MICELI, S. (Org.). *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984. p. 41-52.

PEREIRA, C. E. *Enquanto os dentes*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2017.

POLESSO, N. B. *Geografias lésbicas: literatura e gênero*. Criação & crítica, dossiê sáfico, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138653>

RESINA, J. R. Pós-nacionalismo: a nova palavra da moda?. Argumento em defesa das nações na era dos mercados globais. *Revista USP*, São Paulo, n. 61, p. 174 - 195, mar. / mai. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13329/15147>

RONCARI, L. *Literatura Brasileira: Dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos*. 2.a ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

SCHWARCZ, L. M. *Sobre o autoritarismo Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

SODRÉ, N. W. *História da Literatura Brasileira*. 9.a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos do Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.